

MEMÓRIA CAMPINEIRA

“OITO BANANAS POR UM TOSTÃO”

Francisco Fernandes de ARAÚJO

Esse sugestivo título é do livro de autoria do renomado jornalista e historiador urbano Benedito Barbosa Pupo, que nos relata, em agradáveis crônicas, interessantes aspectos históricos da “Campinas de outros tempos”, que vale a pena conhecer. Interessados que somos na história desta pujante e querida cidade de Campinas, e também devido à maneira simples, leve, clara, correta, roca e agradável da escrita do autor, não conseguimos frear a curiosidade após a leitura das primeiras linhas, e quando percebemos, num átimo já estávamos na última das quase 150 páginas do livro, publicado em segunda edição pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo de Campinas, em 1995. A primeira edição, com prefácio do então prefeito Lauro Péricles Gonçalves, é de 1976.

O autor explica, na nona crônica, a razão do título de sua obra, referindo-se ao tempo em que as bananas não eram vendidas às dúzias nem a peso, como hoje, mas a tostão, valor que dava oito unidades dessa fruta tropical se fosse do tipo “nanica”, ou seis unidades, se se tratasse de “banana-maça”. Esclarece também, para os mais moços, que o sistema monetário que vigorou no Brasil até 1942, foi o de mil-réis, quando ocorreu a mudança para o cruzeiro. Um tostão correspondia a cem réis de então ou a dez centavos atuais, o que demonstra como as bananas eram realmente muito baratas, a ponto de até hoje ainda se fazerem referências a respeito, quando se diz “a preço de banana”. Mas tal fruta está atualmente cerca de dez vezes mais cara do que na época a que se refere o autor (1912-1922). Deteriorou-se o dinheiro ou valorizaram as bananas?

Benedito Barbosa Pupo, campineiro com soberba experiência jornalística e mais de noventa anos de uma vida bem vivida, e ainda com espírito de menino, continua a escrever, às baciadas, crônicas e outros escritos, muitas das quais publicadas em jornais de ampla circulação, nomeadamente no “Correio Popular”, a exemplo das que compõem a obra aqui enfocada, versando principalmente sobre a sua querida terra natal. E é exatamente dela, da sua terra, que o escritor fala mais alto nesta sua “Campinas de outros tempos”, pintando um retrato verdadeiro da cidade, registrando acontecimentos da maior relevância para caracterizar a fisionomia peculiar de seu povo e de seus costumes no passado, de evidente valor histórico e sociológico, “fotografando” *lugares que, como anotado por Torrieri Guimarães no contracapa, igualmente jornalista e crítico de nomeada, “hoje consumidos pelo progresso estão de volta para a saudade dos que conviveram com a Campinas menos turbulenta de outros tempos”.*

Trata-se de obra fértil e indispensável para a pesquisa dos interessados que desejam saber mais a respeito de Campinas, como bem o viu o então prefeito Lauro Péricles Gonçalves, quando deixou assente em seu prefácio à primeira edição que “os livros de memórias, em que os autores procuram revelar suas recordações de fatos julgados relevantes, são, não há dúvida, de muito valor para a cultura de um povo”. E adiante: “...é um livro evocativo, que deve ser lido por todos os que se interessam pelos fatos da terra campineira”. De fato, todos deveriam se interessar pela história da terra onde vivem e convivem, criam a sua família e ganham o pão de cada dia, pois ela lhes permite haurir os benefícios do respectivo usufruto, embora a nua propriedade (expressão usada para designar disponibilidade) seja, em última instância, somente de Deus.

Em suas vinte e seis crônicas o autor nos mostra, com extrema sinceridade, uma Campinas de outros tempos, inclusive, em relato inicial, registra como foi a fundação da cidade, o seu primeiro plano urbanístico e posterior desenvolvimento, tendo a humildade de confessar que nem sempre se lembra de um ou de outro detalhe, e que não se arrisca a relatos sem base histórica confiável, o que torna a sua obra plasmada de uma honestidade que nem sempre se vê em outros escritores.

Fala-nos do elemento estrangeiro que trouxe colaboração para o progresso da terra; dos intelectuais da época; da imprensa e da

fascinação que sente por ela; geografia do seu querido Bairro dos Bucheiros, como era chamada a Vila Industrial naqueles tempos, que, de tão importante, foi o primeiro bairro de Campinas a ser erigido em paróquia, tendo São José por patrono; dos heróis de quarteirão; dos serviços e do comércio; da caça cruel da indesejada carrocinha aos pobres vira-latas, transformada em grande espetáculo de rua; das comidas; dos móveis e utensílios; do futebol e da política; da mulher no lar, na igreja e na moda; das artes em geral, e até das bisbilhotices da sociedade, coisa que nunca se acabará porque faz parte da própria natureza humana. Evidentemente não vamos detalhar, aqui, tudo o que de bom existe na referida obra. É muito rica em minúcias, na essência e no conteúdo da narração, capaz de nos transportar realmente para a Campinas de outros tempos, que já não existe mais.

Revela observar, no entanto, que Benedito Barbosa Pupo, que já escreveu sob vários pseudônimos, dentre os quais Ribeiro do Vale, Patrício Saraiva, Lício Flexa e Ariel, ainda hoje com espírito de menino, não obstante a sua respeitável idade de quase um século de bons serviços prestados à comunidade campineira e à literatura nacional, faz questão de frisar que, embora tenha saudades dessa Campinas pitoresca e folclórica, que se apaga, que desaparece por falta de documentação, não faz relato movido pelo saudosismo, mas apenas como contribuição a futuros estudos sobre usos e costumes campineiros no primeiro quartel deste século vinte.

Na verdade, o homem que confessa ter sofrido muito no início de sua carreira jornalística, por querer ser perfeito em seus escritos, mas depois que lidou com propaganda, descobriu a maneira de trabalhar sem sofrimentos, trocando a sofisticação e a complexidade pela simplicidade e clareza, e também adotou a filosofia de que o jornal deve construir sempre e substituir o que não presta pelo que tem realmente valor, entregou em 1976, e depois em 2ª edição de 1995 ao mundo literário, um repositório de valiosos depoimentos sobre aspectos da vida campineira da época.

Aos que viveram naquela época, o livro oferece momentos de maravilhosas recordações, e ao quais mais novos, pelo menos aos que estejam ansiosos por seguros e palpantes subsídios para os estudos de uma época completamente diferente da que estão vivendo agora, do

tempo em que se compravam oito bananas por um tostão, a obra constitui um fascinante e indispensável tesouro literário. E Campinas, não obstante as grandes contribuições de homens como Benedito Barbosa Pupo, orgulho desta querida terra de Barreto Leme, ainda tem muito o que resgatar de sua história, de antes e depois de 14 de julho de 1774, data de sua fundação oficial, continuando à espera de todos quantos se disponham ao cívico e difícil, mas agradável e relevante mister, fazendo com que a lendária Fênix que figura no brasão da cidade também possa significar que os campineiros são capazes de fazer renascer das cinzas do passado a sua heróica, verdadeira e completa história, para o justo orgulho de suas presentes e futuras gerações.

(“Correio Popular”, Campinas, 3 de março de 1999).